

Sapo de Fora



Bezerra da Silva — intérprete



Por **Cid Torquato**

"Malandro é malandro e mané é mané"

Revista da Criação — Para que serve a publicidade?

Bezerra da Silva — Serve para esclarecer, para ensinar, para informar, orientar. Faz as coisas acontecerem. É comunicação, né, meu irmão?

RC — Publicidade é formadora de opinião?

Bezerra — Forma opinião em diversos sentidos. A publicidade tem muita força, muito poder de comunicação. A Segunda Guerra Mundial, como a maioria das pessoas sabe, foi ganha na base da publicidade. Como se diz, "a publicidade é a alma do negócio".

RC — Existe alguma relação entre publicidade e arte?

Bezerra — Tem, e muita. Eu vejo na publicidade uma arte muito bonita, feita por gente muito inteligente, que usa o cérebro pra bolar aquela coisa toda, filmes e tudo o mais.

RC — Você gosta de publicidade?

Bezerra — Gosto. Na verdade a gente se diverte e até julga: "Pô, tá devagar aquela propaganda lá". Ou: "Pô, essa daqui é legal. Mas aquela ali não tá com nada".

RC — A publicidade já o influenciou de alguma maneira?

Bezerra — Comigo até que não, mas acredito que tem compositor que, através da publicidade, pega uma frase e desenvolve, faz uma música, um tema, tem inspiração. Pesca uma coisa aqui, dá uma grudada numa coisa ali e pronto, cria uma estrofe e vai embora.

RC — Do que mais gosta na publicidade atual?

Bezerra — Gosto mais é do humor, que é uma coisa boa, que eleva o espírito, ajuda a viver e faz você esquecer as mágoas. Porque a vida de quem trabalha, de quem não tem caixa 2, é bem dura, né? Para quem vive com capital de giro apertado, qualquer coisinha já ajuda a sair do sufoco. Você sabe que a base é o vil metal, né? E a cada dia que passa piora mais a realidade de grande parte da população. Então, a gente inventa, vai inventando. Vamos ver onde dá pra chegar. Quando não tiver mais como ficar ruim, aí melhora. Vamo que vamo!

RC — Cite algumas campanhas das quais gosta.

Bezerra — Tem coisa muito bem bolada por aí. Como aquela onde vem o malandro, chega pro médico e diz: "Doutor, tô sentindo um negócio na garganta e não sei o que é". Aí o médico pega o diagnóstico e fala: "Ah, qual é a cerveja que você bebeu?". "É, eu bebi a cerveja tal." "Ah, então é isso aí. Ela desce quadrada. De



Skol: desce redondo

hoje em diante, você bebe só Skol, só ela desce redondo." Nunca vi um médico receitar cachaça pra ninguém. Adorei isso. Tem também aquela da caninha da boa idéia. Boa idéia mas deixa você muito doido. Mas, como dizem, malandro é malandro e mané é mané.

RC — Que acha dos jingles?

Bezerra — É coisa pra compositor, com aquela veia poética e coisa e tal. Esse é um privilégio que eu não tenho. Sou intérprete. O que sei fazer é pegar uma música pronta e levar para o lado comercial, dar o primeiro pontapé.

RC — Muita gente acredita que quem faz suas músicas é você.

Bezerra — Que tem, tem. Mas é o seguinte, isso aí eu encaro como discriminação contra os compositores. Existe uma certa má vontade dos comunicadores das rádios, que omitem os nomes dos autores. "Acabamos de ouvir o Bezerra da Silva" e ponto final. Na música, de qualquer maneira, são três elementos fundamentais: melodia, harmonia e ritmo. Mas depois vêm compositor, cantor e músico.

RC — Do que não gosta na publicidade?

Bezerra — Quando ela é mal feita ou é uma grande besteira, sem pé nem cabeça. Gozado que, quando ela é chata, parece que passa na TV umas mil vezes. Parece que o cara da agência paga mais pra passar e encher o saco da gente. É a mesma coisa quando um camarada faz um samba ruim e paga pra tocar toda hora na rádio. E aquilo fica tocando sem parar. Como "Melhoral, Melhoral". Não acaba nunca. Está na minha cabeça até hoje. Virou um fantasma.

RC — Faria publicidade?

Bezerra — Chamou, pagou, faço. É só armar direitinho. Até hoje fiz uma campanha só, da Sapataria do Bezerra, na Bahia. Além do cachê, o cara me disse: "Escolhe um sapato aí pra sua senhora". Mas quase apanhei quando cheguei em casa. O sapato não tava com nada. "Esse é o sapato que você me traz?", disse a patroa. E eu tava crente que tava abafando. Mas olha, acho que faria uma boa propaganda de cachaça.

RC — O que acha de propaganda de cigarro?

Bezerra — É demagogia pura aquela coisa do "Ministério da Saúde avverte". Isso aí depende de cada um, não é? Porque, quando uma coisa é proibida, a pessoa não fabrica e pronto. Conheço o produto, mas não fumo, não bebo, não cheiro, não jogo, entendeu?

RC — Mas e a história do "vou apertar, mas não vou acender agora...?"

Bezerra — E tem também a do Leonardo que "dá vinte, por que é que eu não posso dar dois?", que gravei agora. Ou ainda: "Mê diz, vovó, quem foi que bótou Maizena no meu pó", e outras mais. Mas, lamentavelmente, tem hora que eu até fico triste com as pessoas que interpretam dessa maneira, que não têm a consciência de separar o que é o artista de seu personagem, entendeu? Sou sambista de morro

e tudo, mas não bebo, não jogo, não fumo, não ando de madrugada, não gosto de pagode, não gosto de bagunça, não gosto de lugar tumultuado, não gosto de rua, nem de boemia, nunca gostei.



Caninha 51: "Deixa você muito doido"

RC — E como é que criou essa personagem do malandro?

Bezerra — Não tem nada desse negócio de malandro, não. No morro tem é gente marginalizada, infeliz, que vive na miséria e não tem nada de malandro. Malandro é sinônimo de inteligência, de esperteza. Tem gente tão desinformada que fala em "malandro no bom sentido". Isso não existe. Malandro é malandro e mané é mané.

RC — Quais são suas técnicas pessoais e profissionais de comunicação?

Bezerra — Se liga, bicho, malandro não cagueta, pó. Cada um que cuide de si. Pobre já nasce batendo na trave mesmo e tem que se cuidar. Sou pai de dois filhos, que criei dizendo que o ser humano envelhece, mas não pode deixar envelhecer a mente. Sou ídolo da juventude porque o público sabe o que estou dizendo. É esse o negócio. Eu sou hoje e amanhã, ontem já era. Não censuro, mas não gosto desse negócio de passado, de tradicionalismo. Conheci um rapaz de uns 22 anos, um compositor, que deu uma resposta para um cara da velha guarda, que me marcou. O cara mais velho da escola de samba insistia nesse negócio de raiz e mais raiz, num tom de querer diminuir o garoto. E o moleque respondeu: "Eu não sou raiz porque raiz só cresce pra baixo". Faz sentido.

RC — O que diria aos publicitários?

Bezerra — Parabenizo e admiro a inteligência deles. Que continuem fazendo cada vez melhor. Quem não gostou que não se ofenda. E é isso aí.